

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 05	p. 87-104	2002	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

O Sermão do Mandato: análise literária e adequação histórica

Márcia Sipavicius Seide (UFMT)

ABSTRACT: This article proposes a concept of historic suitability to be considered on literary analysis of non-contemporary works and presents an intended suitable analysis of the antonyms used by Vieira in one of his speeches.

KEY WORDS: Literary analysis, historic suitability, antonyms in one of Vieira's speeches.

Como se sabe, a idéia de que o literário é a qualidade presente em obras ficcionais escritas por um autor original que tem o talento das belas letras é um conceito histórico que data da era romântica. Para alguns estudiosos da literatura, utilizar este conceito como parâmetro para a crítica de obras anteriores ao Romantismo é fazer uma análise que não é adequada ao objeto de estudo.

Qualificar uma crítica literária de inadequada é fazer um julgamento de valor que pode estar baseado em alguns conceitos provenientes da semiótica, da Pragmática e da Análise do Discurso.

Terry Eagleton resume da seguinte maneira os aspectos da teoria que nos interessam:

O significado do texto não é apenas uma questão interna. Ele também é inerente à relação do texto com sistemas de significação mais amplos, com outros textos, códigos e normas na literatura e na sociedade como um todo. Sua significação também é relativa ao <<horizonte de expectativas>> do leitor (...) que em virtude de certos <<códigos de recepção>> disponíveis identifica um

elemento da obra como um <<recurso>>. (Eagleton, 1997: 141)

Dada uma obra pertencente a uma época literária que nos é distante no tempo, é possível que se faça uma leitura baseada nos códigos de recepção atuais. Esta interpretação, se é suficiente para que o leitor médio desfrute da fruição estética do texto, não o é para o crítico literário que, via de regra, tentará levar em consideração o sistema de significação mais amplo a partir do qual o texto foi produzido e originariamente recebido.

Aproximemos este conceito de sistema de significação utilizado por críticos literários às noções de enunciado e de enunciação postuladas pela Pragmática.

O enunciado é visto pela Pragmática como um acontecimento que tem seu significado determinado não só pelas palavras que o compõem mas também pelo ato de enunciação que o envolve. Isto quer dizer que uma mesma frase pode ter significações diferentes dependendo do contexto em que é proferida. Assim uma frase como *Está quente* pode fazer parte de enunciados distintos. Se for enunciada em um dia de inverno no Rio Grande do Sul será uma ironia. Se for enunciada em uma sala abafada onde as janelas estão fechadas, será entendida como um pedido. Se for pronunciada em um dia de verão cuiabano, será uma constatação.

Entendemos que assim como o momento de enunciação influencia o significado de um enunciado, o significado de uma obra literária é determinado em parte pelo sistema de significação mais amplo que a envolve.

Este sistema de significação mais amplo também abrange o Universo de Discurso de um texto, isto é, o conjunto de obras que, num dado momento e num determinado lugar, tem características tipológicas em comum e formam por isso um micro-sistema que lhe é próprio.

Seguindo-se as noções apresentadas, uma análise literária de uma obra produzida em uma época que não nos é contemporânea será “historicamente” adequada quando os critérios utilizados fizerem parte das normas e/ou dos valores de que o autor tem conhecimento e que norteiam a recepção da

obra por parte dos leitores ou ouvintes contemporâneos à obra e considerarem o Universo de discurso da qual a obra estudada provém.

O que apresentamos a seguir é uma tentativa de elaboração de uma análise historicamente adequada. O foco deste estudo é o uso da antonímia em um sermão vieirense, o Sermão do Mandato de 1670. Para haver a adequação pretendida foi preciso considerar o sistema de significado mais amplo que permeia a obra do jesuíta.

O Sermão do Mandato é um tipo de texto específico, o sermão sacro, que faz parte de uma obra maior, a coletânea intitulada *Sermões*, publicada em uma época histórico-literária determinada. Para dar conta deste sistema de significação fizemos alguns estudos preliminares que, esperamos, garantam a adequação histórica da análise. Nesse trabalho procuramos caracterizar o Barroco, o Universo de Discurso do sermão sacro e estruturação da coletânea da qual o sermão faz parte.

Os estudos realizados conduziram a análise para a investigação da antonímia segundo a Retórica Antiga. Investigada a antonímia a partir deste prisma, voltamo-nos ao Sermão do Mandato.

1. O barroco

Historicamente o Barroco foi uma época de crises profundas: no Brasil, domínio político espanhol, invasão holandesa e submissão econômica à Inglaterra; na Europa, particularmente na pátria dos ingleses, mudanças profundas no modo de produção; no âmbito da religião, a Contra-reforma.

Muda-se, com a Contra-Reforma, a concepção que se tinha do mundo, dando lugar a uma visão aberta, múltipla e dinâmica. Segundo esta concepção, os fenômenos eram percebidos e descritos em sua sensualidade. Esta visão sensualista se reflete, no estilo barroco, no uso de imagens e de processos metafóricos.

Segundo Bosi (1993), o Barroco pode ser melhor entendido enquanto tendência literária universal que se contrapõe

ao Clássico. Assim, baseando-se nos estudos do historiador de arte Heinrich Wölfflin, este autor afirma que o Barroco se caracteriza pela passagem.

...do linear ao pictórico, da visão de superfície à visão de profundidade, da forma fechada à forma aberta, da unidade à multiplicidade, da clareza absoluta dos objetos à clareza relativa... (Bosi, 1993:37)

Para Coutinho (1997), o Barroco é um conceito amplo que abrange manifestações variadas de diversos países. A unidade do Barroco enquanto movimento cultural se opera em termos da ideologia que o sustentou: a Contra-Reforma. À concepção renascentista de homem “fechado”, voltado à terra, a contra-reforma opôs a concepção de homem “aberto”, voltado ao céu.

A análise deste estudioso, entretanto, se diferencia da de outros especialistas em literatura brasileira e portuguesa, pela proposta de se utilizar o conceito de imitação para a compreensão do período barroco, haja vista a necessidade de se utilizar a Retórica Antiga para estudar e interpretar o período:

(...) Talvez nenhuma época literária deveu mais às doutrinas e regras estéticas, pelo que se faz necessário, para o seu estudo e interpretação, o exame do pano de fundo de teoria literária que a norteou(...) (Coutinho, 1997: 9)

Por os postulados da Retórica Antiga funcionarem como uma chave para a interpretação de obras barrocas, pareceu-nos fundamental fazer com que seus princípios norteassem nossa análise

2. O universo de discurso

Com relação às características do sermão sacro, informamos Coutinho (1997) que a percepção do significado da palavra de Deus só era alcançável por meio da linguagem transfiguradora da

metáfora. Daí haver um processo metafórico latente em toda a Escritura Sagrada que cabe ao pregador revelar.

Nesta revelação, há de confluir as quatro significações da escritura: a *histórica*, a *alegórica*, a *analógica* e a *tropológica*. Segundo esta concepção, uma passagem bíblica é, ao mesmo tempo, um relato histórico, uma alegoria do mundo divino e uma situação análoga à vivida no momento de enunciação da pregação do orador. Para se chegar ao seu sentido verdadeiro, o relato bíblico deve ser entendido figurativamente.

Há, para cada data, um assunto correspondente e uma ou mais citações bíblicas que lhe correspondem. Estas associações, tema-citação bíblica, funcionavam como lugares específicos do sermão sacro. Segundo a tradição retórica, há os lugares aplicáveis a qualquer assunto e os lugares específicos, particulares a assuntos determinados. Enquanto os primeiros dizem respeito a maneiras de raciocinar na estruturação de argumentos e pressupõem uma hierarquia de valores, os lugares específicos são produto de uma tradição que convencionou os assuntos que são convenientes a cada temática. O estudo de Francisco Achcar (1994) sobre o *carpem diem* é um exemplo de como os lugares específicos foram se construindo.

Tal atribuição de lugares específicos a determinadas datas é válida até hoje de modo que a consulta ao missal se torna uma fonte para a caracterização desses lugares. Com este fim, consultamos o *Misal Completo Latino- Español para uso diario de los fieles*, escrito pelo padre jesuíta Valentin M. Sanchez Ruiz e publicado em Madri no ano de 1943.

Exemplifiquemos esta atribuição de lugares com a temática escolhida para as domingas de advento. Neste missal latino-espanhol da década de quarenta, constam os assuntos que devem ser tratados nas domingas de advento. A primeira dominga de advento marca o início do ano eclesialístico litúrgico e é celebrada em fins de novembro. Nessas semanas que precedem o natal, comemora-se a vinda de Cristo à Terra. Por serem três as vindas, são três os domingos desse período: no primeiro, há que louvar a vinda de Cristo Redentor; no segundo, a Cristo Juiz e no terceiro, a Cristo Santificador.

O estudo do calendário litúrgico com o fim de entender melhor o universo de discurso do sermão sacro não faz parte da análise do macro-contexto que é aquela que se faz quando se estuda a época contemporânea ao autor. Estudá-lo tem a ver com o micro contexto, pois ele está relacionado com o momento de proferição dos sermões sacros na época de Vieira e com as expectativas que se tinha sobre como haveria de ser este tipo de sermão.

É curioso notar que, via de regra, o estudo do micro contexto não tem interessado os especialistas em Vieira. A obra de Mendes (1989) sobre a oratória vieirense é um exemplo disto. Nesta obra, Mendes tenta recuperar o momento da enunciação dos sermões para empreender uma análise pragmática do discurso. Os dados fornecidos pela autora são relevantes no que diz respeito a detalhes da história política daquela época e à parte da oratória conhecida como *actio*. Apesar disto, nada informa sobre a relação que havia entre o discurso do orador sacro e a cerimônia litúrgica da qual fazia parte. A autora apenas afirma que o sermão fazia parte do culto.

Para encontrar informações detalhadas sobre a relação entre a missa e o sermão foi preciso fazer uma pesquisa exaustiva. Em bibliotecas paulistanas, especializadas em Teologia, só havia obras referentes à nossa época e o missal mais antigo encontrado datava apenas do começo do nosso século. Por fim conseguimos encontrar um missal com data de publicação mais próxima à produção literária vieirense. Encontramos este missal na Faculdade de Direito da USP. A consulta à obra só nos foi gentilmente permitida pela diretora daquela biblioteca após um pedido formal por escrito.

Essa obra foi escrita em 1695 e publicada em Madri em 1726. Na capa há informações sobre seu autor: trata-se de Don Frutos Bartholome de Alalla y Aragon, mestre de cerimônia da capela real que acatava as ordens de Don Carlos II e Don Felipe V. O título completo da obra é como se segue: *Ceremonial de las missas solemnes cantadas, com diaconos, o sin ellos, segun las Rubricas de el Missal Romano ultimamente recognito por su Santidad Urbano VII.*

Segundo este Ceremonial, o sermão faz parte da missa e deve ser proferido logo após o evangelho. Dessa maneira fica explicada a impossibilidade de, ao menos em um primeiro momento, não seguir os assuntos específicos à data litúrgica do culto:

(...) Si ha de aver Sermon, ha de ser acabado el Evangelio...El celebrante, y los Diaconos se irân `a sentar mientras el Sermon y se cubriran, si el Santíssimo no está patente: el Predicador descubrirá la cabeza, si nombrare el nombre de Jesus, ò de Maria Santíssima, ò del Santo que se celebra... (Bartolomé, 1726: 104)

Dada a circunstância na qual o sermão devia ser proferido, não é de se admirar que os sermões pregados nas domingas do Advento tenham como ponto de partida trechos das passagens bíblicas determinadas pela Igreja para celebrar as datas: para o primeiro domingo, S.Lucas XXI, para o segundo, S. Mateus XI e para o terceiro, S.João I.

Percebe-se daí que o primeiro constrangimento do sermão sacro, enquanto universo de discurso, está na obediência aos lugares específicos. O segundo, está na maneira correta de se interpretar a escritura, lembremo-nos de que o pregador que não seguisse a interpretação “oficial” poderia ser acusado por blasfêmia, pois não obedecer às regras de interpretação teológica era corromper a palavra divina. A interpretação teológica devia pautar-se no simbolismo evangélico e objetivar a correta decifração da verdade da escritura.

O simbolismo evangélico acompanha os lugares específicos aos assuntos de que trata o orador sacro e consiste em utilizar cenas do antigo testamento como metáforas para que o novo testamento fosse entendido de maneira conveniente.

Vale frisar que um dos primeiros objetos de estudo do aspirante à ordem jesuítica está relacionado ao aprendizado desta maneira de raciocinar e conhecer a doutrina por meio de exercícios espirituais e disputas de oratória. Eram objeto de disputas e de inspiração dos exercícios os sacramentos da Igreja,

os mistérios de Cristo, o apocalipse, a figura de Maria e toda a temática referente à conversão.

Na época da Contra-Reforma, o pregador tinha por função interpretar o que estava na Bíblia. Interpretar textos bíblicos significava, então, explicitar sentidos que estavam ocultos na escritura. Segundo esta concepção, as personagens bíblicas e os feitos ocorridos funcionavam como figuras cujo desvendamento só o orador sacro, representante da Igreja, estava autorizado a fazer. Por ser um representante de Deus, atribuía-se ao orador o papel de conselheiro espiritual que tinha por obrigação moral alertar para as conseqüências de atos e sentimentos pecaminosos, orientando à vida venturosa que levaria os fiéis ao reino de Deus.

Haja vista as responsabilidades imputadas ao orador, é possível imaginar a relação que havia entre Vieira e seu auditório: este esperava que o sentido do texto bíblico fosse desvendado; aquele construía um *ethos* (imagem forjada pelo orador por meio de seu discurso) de quem tem autoridade e sabedoria para convencer o auditório de que a interpretação correspondia ao sentido verdadeiro do texto bíblico.

Uma vez desvendado o sentido dos textos bíblicos, o orador poderia comparar o prescrito pelo sagrado aos fatos mundanos e fazer juízos de valor, aconselhando o que está de acordo com as leis divinas.

Com base nas informações que temos sobre o universo de discurso sacro, é possível imaginar seu sistema de enunciação típico. Para cada data do calendário litúrgico, há um tema e uma passagem bíblica pré-determinadas. A missa se organiza ao redor delas. Proferido o evangelho, o orador sacro começa a proferir seu discurso cujo ponto de partida é uma parte da citação anterior. Esperava-se que seu discurso descobrisse o sentido oculto da escritura. Havia também, por parte do auditório, a expectativa de que o orador se valeria de imagens, de processos metafóricos, de lugares específicos ao assunto de lugares gerais e outros artificios postulados pela Retórica Antiga. Feita a interpretação bíblica, a parte dedicada à crítica e à censura dos fiéis finalizaria o sermão.

3. A organicidade de *Sermões*

A leitura acurada do prefácio aos *Sermões* nos forneceu as informações necessárias sobre a organização que Vieira imprimiu a seus textos. Esse prefácio segue os preceitos clássicos desse tipo de texto: justifica-se nele a impressão da obra, anuncia-se de que se trata, explica-se como o conteúdo está disposto, tenta-se demonstrar o valor da obra pelo valor daquele a quem a obra se destina.

Sem dúvida, o trecho do “Prólogo do autor” mais citado por estudiosos de Vieira é o quarto parágrafo. Nesse parágrafo, o jesuíta critica o cultismo ao advertir que não deve ler sua obra o leitor que gosta “da afectação e pompa de palavras”. Os críticos literários têm o costume de mencioná-lo para, em seguida, demonstrar haver matizes cultistas em seu estilo.

De acordo com Vieira, os sermões publicados são diversos e descontínuos para não aborrecer o leitor. Esta diversidade distinguiria sua antologia dos demais sermonários, quaresmais, santoriais ou mariais que se costumava publicar então.

De fato, apesar de haver vários sermões de mesma temática dispostos seqüencialmente, isto não causa qualquer efeito de monotonia. Por trás desta organização deliberada para não aborrecer o público, há uma tradição retórica que valoriza a capacidade de versar sobre uma mesma temática de maneira variada, de demonstrar que o orador domina os lugares referentes àquele assunto.

A consulta atenta ao índice geral indica haver semelhança entre o seu sermonários e os que costumavam ser publicados na sua época pois em ambos há a obediência ao calendário litúrgico: os sermões sobre o advento antes dos natalinos, os quaresmais depois dos da Epifânia. Cabe ressaltar que o fato de os sermões seguirem o calendário da Igreja Católica não significa que uma ordem cronológica fosse seguida: o primeiro sermão da antologia data de 1655, o segundo é de 1650. Segundo a edição por nós utilizada, (1959, Bello & Irmão) os sermões estão distribuídos em quinze volumes. Esses volumes podem ser

classificados tematicamente em próprios dos tempos, votivos, santoriais e “elogiosos”.

Os sermões próprios do tempo são aqueles que celebram datas oficiais como Natal, Páscoa, etc. Nos votivos, a escolha temática, respeitando-se o temário religioso, depende da vontade do celebrante. Os sermões santoriais estão relacionados à homenagem aos santos e os elogiosos são sermões feitos para homenagear pessoas e acontecimentos importantes. Neste último tipo, se incluem tanto os panegíricos quanto as orações fúnebres.

A antologia de sermões publicada por Vieira segue o mesmo padrão verificado em outras antologias do tipo pois obedece o calendário litúrgico e abrange todos tipos possíveis de sermão sacro. Diferentemente destes, os sermões foram organizados tematicamente com o intuito de evidenciar a maestria do autor em versar a partir de diferentes lugares.

Esta característica de *Sermões* só pôde ser entendida considerando-se a Retórica Antiga da qual nos valem anteriormente para caracterizar o universo de discurso do sermão sacro. O estudo da antonímia em Vieira também teve como ponto de partida a tradição retórica, pois sua caracterização foi feita segundo tratados ciceronianos.

4. A antonímia nos tratados de Cícero

O afã de investigar como o uso da antonímia foi proposto pelas retóricas que mais influenciaram Vieira, motivou-nos a empreender um estudo diacrônico da noção e do uso de antônimos. Este estudo se baseou nos seguintes tratados de retórica: *Orador* e *Partições Oratórias* e contribuiu para o entendimento do que poderia motivar um autor barroco a usar antônimos em profusão.

Em *Partitiones Oratoriae*, um diálogo fictício entre Cícero Filho e Cícero, ele mesmo, este dirige-se ao filho para dizer em Latim o que explicara-lhe em grego a respeito da *ratio dicendi*, isto é, das regras ou preceitos para se fazer um discurso ordenado.

A primeira referência à antonímia surge no parágrafo 7. Neste parágrafo, Cícero está explicando ao filho quais são os

argumentos inerentes ao assunto tratado que podem corroborar para o estabelecimento da *fides* (crença de que o que o orador diz é digno de crédito).

Estes argumentos estão fixos aos assuntos e podem ser derivados do todo, de suas partes ou do que, de algum modo, está relacionado ao que se busca. Ao que está relacionado ao assunto, pode-se aplicar a definição e o *contrarium* :

(...)ex eis autem rebus quae quodammodo affectae sunt ad id de quo quaeritur alia conjugata appellantur [alia] ex genere, alia ex forma...ut definitio, ut contrarium ut ea sunt ipsi contrariove eius aut similia aut dissimilia aut consentanea aut dissentanea. (Hackham 1948:314-316)

(...)das coisas que estão relacionadas ao que se busca, umas são denominadas conjugadas, outras são denominadas a partir do gênero, da forma...como a definição, como o contrário, como as coisas que a seu próprio contrário são semelhantes, dessemelhantes, congruentes, incongruentes. (Chiappeta, 1997:161)

Em latim, o termo *contrarius* denomina um conceito no qual a contrariedade e a oposição fazem parte das acepções do adjetivo,

Contrarius, a, um 1- Que está de frente, do lado oposto; que é em sentido contrário.

2 – Contrário, oposto (Torrinha, 1945: 200)

Comparando-se as acepções do adjetivo latino ao conceito atual de antonímia, v.g. uma relação bilateral de oposição ou contrariedade entre duas palavras, julgamos haver coincidência conceitual entre os termos. Isto significa que quando há referências a *contrarium verba* nos tratados latinos podemos considerá-las como postulados a respeito do uso de antônimos no seio de um discurso.

A segunda referência à antonímia aparece no parágrafo 21. Neste parágrafo, seu uso é apontado como um dos meios para

as palavras serem agrupadas de modo a tornar o discurso agradável:

Suave autem genus erit dicendi primum elegantia et iucunditate verborum sonantium et lenium (...).tum ex contrariis sumpta verbis. (Hackham, 1948: 326)

O modo de dizer será agradável, primeiro, pela elegância e pela beleza das palavras soantes e amenas (...) Então, tomando palavras contrapostas as já escolhidas. (Chiappetta, 1997: 168)

No decorrer do tratado há outras duas ocorrências do termo, nos parágrafos 55 e 126, neles também se verifica a coincidência de denominações. O mesmo se verifica na obra *Orator* que descreve como deve ser o orador ideal. Nesta obra, há ocorrência do termo nos parágrafos 38, 165 a 167 e 220.

Nos parágrafos 165 a 167, o uso de antônimos é apontado como uma maneira eficaz para formar sentenças que tenham ritmo. Para ilustrar este uso, Cícero cita trechos de *Pro Milone* e de *In Verrem*. Transcrevemos abaixo um desses exemplos:

(...)conferte hanc pacem cum illo bello, huius praetoris adventum cum illius imperatoris victoria (...)

(...)Compare this peace with that war, the arrival of this praetor with the victory of the general(...) (Hubbel & Hendrikson, 1988: 446-447)

Notem-se as contraposições *pace X bellum; praetoris X imperatoris* e *adventum X victoria* e a simetria causada pelo recurso à oposição de palavras contrárias, à *contrariis opponuntur contraria*, nas palavras de Cícero.

De acordo com as *Partições Oratórias* e o *Orador*, o uso dos antônimos em um discurso realça o que se quer dizer e torna o texto elegante e agradável aos ouvidos. Um texto com estas características é um texto eloquente. Segundo a Retórica Antiga, a eloquência de um discurso seria eficaz se fosse capaz de comover

aqueles que o escutavam, sendo que a comoção dos ânimos era considerada como sendo tão importante quanto a persuasão da razão para que o discurso atingisse o alvo pretendido.

5. O uso da antonímia em Vieira

Constantemente a antonímia é utilizada pelo autor, por isso não é fácil encontrarmos um sermão em que tal recurso esteja ausente. Entretanto, a leitura da obra permitiu-nos observar que nos sermões em que as comparações figuram no cerne argumentativo do texto, o autor se valia mais sistematicamente desse recurso.

Dentre os críticos literários que se dedicaram à obra vieirense, Saraiva foi quem mais se preocupou com a questão da antonímia. Na obra *O discurso engenhoso* (1997), o crítico utiliza passagens em que a antonímia está presente considerando-as exemplos de forma de “proporção”. A função da “proporção” é criar a impressão de que as palavras estão adequadas ao que se diz e sua origem terminológica está em uma obra de Gracián ignorada por Vieira.

Apesar de Vieira não conhecer a obra de Gracián, é evidente que o orador não teria utilizado esse recurso com tanta eficiência se o desconhecesse. A existência de um conjunto de conceitos compartilhados por ambos os jesuítas explica a utilização da “proporção” por parte do religioso. Este sistema conceitual quase não é citado por Saraiva (1990), uma vez que sua preocupação se volta para a comparação entre o discurso “engenhoso” e o tipo de discurso postulado pelo Classicismo francês.

Os conceitos partilhados por escritores barrocos sobre a arte de compor têm por base tratados de retórica entre os quais tiveram mais influência os aristotélicos, os ciceronianos e os quintilianos. Hoje em dia, costuma-se pensar em uma Retórica Antiga homogênea a englobar tudo o que se disse a respeito desde Aristóteles até Gracián. Em geral a crítica literária ao citar a Retórica Antiga se refere apenas à retórica de Aristóteles.

Verificamos que a utilização dos antônimos por parte de Vieira foi feita com o propósito de comover os ânimos de seus ouvintes para que, assim, o orador pudesse persuadi-los de maneira mais eficaz. Mostraremos os efeitos causados pelo uso da antonímia com exemplos do Sermão do Mandato, de 1670. No missal escrito por Ruiz (1943), o tema da crucificação de Cristo é indicado para a missa de Sexta feira da Paixão e o texto apropriado para esta missa própria do tempo deve ser extraído do Evangelho segundo João.

Vieira informa que o Sermão do Mandato foi *Pregado em Roma, na igreja de Santo Antônio dos Portugueses no Ano de 1670*. Neste discurso, o pregador interpreta o primeiro parágrafo do versículo XIII do Evangelho segundo João.

Neste trecho da bíblia, o discípulo afirma que Cristo sabia que era hora de partir, que amava os homens naquele momento e que os amaria até o fim. De acordo com a interpretação do jesuíta, Ele amou mais quando se ausentou dos homens. A magnanimidade de seu amor, aponta o orador ao final, obriga-nos a amá-Lo se queremos ser salvos.

Servindo-se do antigo testamento para desvendamento da Paixão de Cristo, Vieira utiliza cenas do antigo testamento para formar metáforas que funcionam como provas. No Sermão do Mandato, a escada vista por Jacob é figura de Cristo. Noémi, Rute e Orfa são representações do amor de Cristo e sua paixão já estava pré-figurada no rio Jordão.

No exórdio ao Sermão do Mandato, o orador questiona como Jesus Cristo pôde ter nos amado mais no momento em que se ausentou de nós. Criada a incompatibilidade, ela é ampliada através de argumentos expressos por meio de antônimos:

Se(...)me dissera (...) que se ausentava Cristo, porque estava arrependido de nos amar(...) sentira-o eu muito; mas conhecera a razão e a conseqüência. Confessaria, e confessaríamos todos, que obrava Cristo como quem é, e que nos tratava como quem somos. Amou-nos sem o merecermos; ausenta-se, porque lho merecemos. O amor o trouxe, o desamor o leva; por isso se vai e nos deixa. (Vieira, tomo V, p.2) (grifos nossos)

No segundo texto do sermão temos outro exemplo:

O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ai pára. Tudo são palavras de Platão e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? (Vieira, tomo V, p. 3) (grifos nossos)

Se em algumas vezes o uso dos antônimos colabora para que uma incompatibilidade seja construída com mais clareza, em outras, seu uso chama a atenção para a neutralização de incompatibilidades.

São responsáveis pela neutralização de incompatibilidade os desdobramentos dos conceitos de amor e de morte. Para o primeiro são feitas distinções entre amor e amor forte, amor forte e unitivo, amor forte e amoroso, amor e amor perfeito. Para o segundo, são dissociadas as noções de morte e da ausência causada pela morte; de morte e de apartamento dos vivos, e por último, de morte enquanto divisão de si e enquanto divisão em relação aos outros. Para diferenciar amor de amor forte, o orador justifica o fato de Salomão haver comparado amor e morte e, ao fazer isto, usa antônimos que realçam sua argumentação:

...o amor, diz Salomão, é como a morte... Não fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte...e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários...É união e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afectuoso, deixa-se atar: forte, rompe as ataduras.... (Vieira, tomo V, p.4) (grifos nossos)

Outro momento em que há amplificação através do uso de antônimos, está no começo do texto IV, onde há uma passagem na qual o orador inicia a disputa entre o amor figurado no Sacramento e o amor figurado na Paixão. O uso dos pares de antônimos realça a diferença entre ambos, além de imprimir ritmo ao trecho. O realce chama a atenção do espectador, o ritmo do discurso o deleita:

... Alega por parte do Sacramento o amor, e defende constantemente que foi maior fineza em Cristo o deixar-se que o deixar-nos; o ficar connosco, que o apartar-se de nós... (Vieira, tomo V, p.11) (grifos nossos)

Ainda nesse texto quarto, há outro momento de deleite para o leitor. Nesta passagem, o orador utiliza o milagre do rio Jordão como metáfora de Cristo. O trecho tem a função de revelar o significado figurativo do milagre e o uso de antônimos direcionais dá plasticidade e concretude às noções :

*...Para dar passo à Arca do Testamento apartou-se o rio Jordão e dividiu-se de si mesmo: uma parte do rio assim dividido correu para o mar, e a outra parte suspendeu a corrente, e tornou para a fonte, donde tinha saído(...)Dizei-me agora : Partido assim o Jordão, e dividido de si mesmo, qual destas duas partes fez a maravilha? Qual destas duas partes obrou fineza? A parte que correu para o mar, ou a que voltou para a fonte? Claro está que a parte que voltou para a fonte, foi a que fez a fineza e a maravilha; porque a parte que correu para o mar, seguiu a inclinação natural, e foi buscar o seu centro: porém a parte que tornou para a fonte, violentou essa mesma inclinação, rebateu e quebrou o ímpeto da corrente, e, contra o peso das águas e da natureza a fez outra vez subir para donde descera. Por isso (...) quando o rio desceu, disse-lhe David: Quid est tibi, e quando subiu, não : porque o correr para o mar, foi buscar-se a si; e o voltar para a fonte, foi ir contra si: *Conversus es retrorsum...* (Vieira, tomo V, p.13 e 14) (grifos nossos)*

6. Bibliografia

ACHCAR, Francisco. Genealogia do *carpe diem* imagens do efêmero de Homero a Catulo. In *Lírica e lugar-comum*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.59 a 85.

ARISTÓTELES. *The art of rethoric*. FREESE, John Henry (trad.)
Londres: Harvad U.P., 1991.

_____, *Arte Retórica e Arte Poética*. CARVALHO, Antônio
Pinto de (trad.) Rio de Janeiro:Ediouro, s/d.

BARTHOLOMÉ, Don Frutos (de Olalla y Aragon). *Ceremonial de
las missas solemnes cantadas, con diaconos o sin ellos, segun las
Rubricas de el Missal Romano utimamente recognito po su
Santidad Urbano VII*. Madrid, 1726.

BOSI, Alfredo. Ecos do Barroco. In *História Concisa da Literatura
Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997, p.33 a 60.

CHIAPPETTA, Angélica. *Ad animos faciendos.Comoção,fé e ficção
nas Partitiones oratoriae e no De officis de Cícero*. Tese de
doutorado,.F.F.L.C.H.,U.S.P.,1997

CICERO..*Brutus/Orator*. HENDRICKSON and HUBBEL,H.M
(trads.).Londres: Harvard U.P., 1988. (Col.*The Loeb Classical
Library*).

_____, *.De oratore (III)/ De fato / Paradoxa stoicorum/ De
partitione Oratoria*.RACKHAM.M.A (trad.).Londres: Harvard
U.P.,1948.(Col.*The Loeb Classical Library*)

COUTINHO, Afrânio. Era Barroca. In *Literatura no Brasil*. Vol.2,
Global Editora, Rio de Janeiro, 1997, p.4 a 197.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. Martins
Fontes, São Paulo: 1997.

MENDES, M.V. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho,
1989.

RUIZ, Pde. Valentin M. Sanchez. *Misal completo Latino Español
para uso diario del os fieles*. Madri: Apostolado de la Prensa, 1943.

SARAIVA, A.J. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SEIDE, Márcia Sipavicius. *Descrição léxico-semântica da antonímia em dois sermões de Vieira*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 2000.

VIEIRA, Pd. Antonio de. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959.